

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA – LICENCIATURA

CRISTIANE NUNES SANTA MARIA

**CRIANÇAS NOS ESPAÇOS COLETIVOS DA ESCOLA:  
momentos de interação e aprendizagem**

Porto Alegre  
2º semestre  
2018

CRISTIANE NUNES SANTA MARIA

**CRIANÇAS NOS ESPAÇOS COLETIVOS DA ESCOLA:  
momentos de interação e aprendizagem**

Trabalho de conclusão apresentado à comissão de Graduação do curso de Pedagogia - Licenciatura da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Darli Collares

Porto Alegre

2º semestre

2018

Dedico este trabalho aos meus filhos Arthur e Vitor, por serem minha inspiração e estarem ao meu lado durante toda esta linda jornada.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu pai, por me ensinar desde cedo o valor de estudar e o quanto temos que ser comprometidos com o caminho que escolhemos. À minha mãe, por sempre mostrar que é preciso persistência para realizarmos nossos sonhos.

Aos meus grandes amores, meus filhos, que sempre dividiram a mãe com aulas, leituras, escritas e práticas pedagógicas. Não existem palavras no mundo para expressar o meu amor por vocês. Essa conquista é nossa!

Ao meu marido, meu maior incentivador. Obrigada por ser pai e mãe todas as vezes que estive ausente, por aceitar minhas escolhas e acreditar em mim. Eu consegui porque tive o teu apoio sempre. Obrigada!

Aos colegas de curso que conheci durante esta linda jornada, obrigada por todos os ensinamentos compartilhados.

Aos meus amigos, que entenderam minha ausência e comemoraram junto comigo cada conquista. A vocês, todo o meu carinho.

À minha querida colega e amiga Evelyn Rosa, minha parceira de aula, de trabalhos, de estágio. Obrigada por trilhar este caminho ao meu lado, por sempre me incentivar e por todas as horas de docência e planejamentos compartilhados. Obrigada, principalmente, por ensinar e não deixar eu esquecer que “Deus é bom o tempo todo”.

A todos os professores que tive o privilégio de conhecer e que contribuíram imensamente para a minha formação.

À minha orientadora, professora Darli, por sua dedicação e todas as palavras de confiança e tranquilidade. Agradeço, ainda, por todas as aulas inspiradoras e por seu olhar tão atento e gentil.

Às professoras Gláucia e Maria Goreti, que aceitaram gentilmente fazer parte da banca de avaliação deste trabalho.

Agradeço a toda equipe e crianças da escola que permitiu a realização desta pesquisa.

*Quando as crianças brincam  
E eu as oiço brincar,  
Qualquer coisa em minha alma  
Começa a se alegrar.*

*Fernando Pessoa*

## RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso é resultado de um estudo que se propõe analisar as possibilidades de interações entre crianças de diferentes idades nos espaços coletivos da escola. De caráter qualitativo, a presente investigação foi realizada a partir de observações em espaços coletivos de uma escola de Educação Infantil que possibilita o contato entre crianças de diferentes idades e entrevista com uma professora da mesma escola, tendo como suporte teórico autores com estudos sobre a Infância e Educação Infantil, como Barbosa, DeVries e Zan, bem como legislações específicas sobre Educação Infantil. Feita a análise de dados e com apoio dos teóricos estudados, ressalta-se a relevância das interações de crianças de diferentes idades, em espaços coletivos da escola, devido às possibilidades de cooperação, jogos e aprendizados que impulsionam o aprender para além da sala de aula e a tornam mais consistente em suas ações.

**Palavras-chaves:** Espaços coletivos. Educação Infantil. Interações entre crianças.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	08
1 A MOTIVAÇÃO PARA MINHA ESCOLHA .....	09
2 ESCOLA E CRIANÇAS .....	12
2.1 A PRESERVAÇÃO DA INFÂNCIA .....	12
2.2 ESPAÇOS DAS ESCOLAS E O BRINCAR COLETIVO ...	17
3 A PESQUISA .....	20
3.1 SOBRE A METODOLOGIA .....	20
3.2 QUESTÃO DA PESQUISA .....	21
3.3 OBJETIVO GERAL .....	21
3.4 OBJETIVOS ESPECÍFICOS .....	
3.5 CONTEXTO E SUJEITOS DA PESQUISA .....	21
3.6 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DAS OBSERVAÇÕES E ENTREVISTA .....	22
3.6.1 Observações .....	22
3.6.2 Entrevista .....	26
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	29
REFERÊNCIAS .....	32
APÊNDICE A – TERMO DE CONCORDÂNCIA DA INSTITUIÇÃO .....	34
APÊNDICE B – TERMO DE CONCORDÂNCIA DA ENTREVISTADA .....	35
APÊNDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTA .....	36

## INTRODUÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso é resultado de um estudo que se propõe analisar as possibilidades de interações entre crianças de diferentes idades nos espaços coletivos da escola. Este estudo se orienta a partir de uma compreensão de que durante as interações de crianças de diferentes idades há uma infinita possibilidade de cooperação, jogos e aprendizados que impulsionam o aprender para além da sala de aula e a tornam mais consistente em suas ações.

A escola escolhida para a realização da pesquisa atende crianças de zero a seis anos, em turmas de turno integral ou parcial. Está localizada no bairro Petrópolis na cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul/RS.

Optou-se por seguir uma abordagem qualitativa de pesquisa, utilizando como técnicas a observação participante com a escrita dos diários de campo e entrevistas com a equipe da escola. Pretende-se, então, através da relação entre a leitura e estudos específicos na área, bem como por meio das observações realizadas nos momentos coletivos das crianças em escola de educação infantil, pesquisar e demonstrar a relevância, para as crianças, nas escolas, um espaço propício para as relações entre elas, não as separando por idade.

O texto está organizado em quatro capítulos, que conta, primeiramente, com a apresentação do estudo, bem como as motivações e justificativas sobre a pertinência desta escolha. Após, são apresentadas as referências teóricas que embasaram minhas reflexões e, posteriormente, apresento a metodologia e a questão inicial da pesquisa, assim como são descritos os momentos observados em campo e a entrevista realizada. No capítulo seguinte, apresento a análise feita a partir das observações e entrevista. Por fim, traço algumas considerações, destacando a relevância dos espaços coletivos no contexto escolar e minhas perspectivas de futuro abertas por este estudo.

## 1 A MOTIVAÇÃO PARA MINHA ESCOLHA

Minha vida de estudante do curso de Pedagogia sempre esteve entrelaçada com minha vida de mãe. Tive a chance de voltar a estudar depois dos 30 anos de idade, e neste mesmo momento iniciava um casamento, juntamente com a chegada do meu primeiro filho. Era uma estudante do curso de Ciências Sociais e, buscando informações sobre escolas de educação infantil para meu primogênito, cheguei até o curso de Pedagogia em 2013. Meu filho foi minha inspiração para trocar de curso. Foi ele quem, mesmo sem saber, me incentivou a querer entender mais sobre espaços escolares dedicados às crianças pequenas, sobre desenvolvimento infantil e sobre ser criança.

Em 2017, meu filho caçula (sou mãe de dois meninos), que acabara de completar dois anos, começou a frequentar uma escola particular de educação infantil pela primeira vez. Eu já havia participado da rotina escolar de escolas que atendem crianças pequenas com o meu filho mais velho, e, assim, vivi duas experiências com ele: uma boa e outra traumatizante. Estava com receio de deixar meu filho caçula na escola, tão pequeno. Por isso pedi várias sugestões de escolas para mães e pais conhecidos, assim como para as colegas da faculdade que já trabalhavam/estagiavam em escolas. Cheguei, então, na escola que hoje realizo esta pesquisa, localizada na zona norte do município de Porto Alegre.

Escola simples, com poucos alunos, gerenciada por uma psicopedagoga. O que mais chamou a atenção quando cheguei para conhecer a escola junto com meu filho de dois anos de idade, foi justamente a simplicidade. A responsável recebeu-nos falando alto, deixando meu menino bem à vontade nos brinquedos que havia logo na entrada da escola e fomos conversar. Quando meu filho foi entrando nas salas de aula, procurando o som das crianças, fui orientada que o deixasse explorar.

Na semana seguinte começamos a adaptação, minha e dele, que ocorreu tranquilamente. Fiquei dois dias sentada na entrada, esperando o choro do meu menino, o que não aconteceu. Enquanto esperava, observava a movimentação. As crianças não choravam. E eu já estivera em várias escolas para conhecer e o que sempre se ouvia era alguma criança, ou várias, chorando. Nesta escola

eu ouvia as conversas, as risadas nas salas, o barulho da cozinha. Crianças e professores transitavam tranquilamente pela escola.

Com o passar das semanas e com a rotina estabelecida, fui percebendo que meu filho caçula falava sobre outras crianças, e que estas não eram as que eu já sabia serem colegas de sala dele. Com dois anos, ele não explicava direito, mas entendia que ele falava sobre crianças que eu não conhecia. Comecei a perguntar para a professora, na hora de buscá-lo, quem era esse ou outro colega que eu lembrava os comentários. A professora explicava que eram alunos de outras turmas.

Após um tempo, ao encontrar a turma no pátio, por exemplo, no fim da tarde, percebi que as crianças brincavam juntas, crianças de todas as turmas. Fui entendendo os comentários do meu filho. Havia, ali, naquela escola, a liberdade das crianças se conhecerem e brincarem juntas. Todas as turmas aproveitavam o pátio no mesmo horário. Não havia horários marcados para as turmas desfrutarem do espaço externo. As crianças interagiam livremente, os maiores brincavam e ajudavam os menores. Achei tão lindo ver essa interação entre as crianças e lembrava-me de minhas práticas pedagógicas em outras escolas, lugares em que eu não tinha visto essa proximidade, pois, geralmente, separavam os menores para que não fossem derrubados ou machucados pelos maiores.

No início da manhã também era possível ver esses momentos entre as crianças menores e as maiores, pois quando chegavam à escola, por serem poucos alunos e porque as professoras titulares chegavam mais tarde, uma auxiliar ficava com todos os alunos em uma única sala. Todos, indiferente da idade. Meu filho, às vezes, queria que eu ficasse na escola e logo um menino mais velho conversava com ele, me ajudando a convencê-lo de que a mãe também tinha que ir estudar. Todos se conheciam pelo nome, os maiores e os menores também.

Ao pensar sobre o tema do TCC, entre várias dúvidas e inseguranças, lembrei-me dessa primeira escola de meu filho, do quanto fiquei encantada todas as vezes que, ao buscá-lo, presenciei as crianças brincando livremente no pátio. Todos dividindo o mesmo espaço, sem delimitações, como já havia visto em outras escolas.

Em meu estágio curricular obrigatório, realizado em docência

compartilhada em uma turma de alfabetização na modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA), com alunos de diferentes idades, eu (40 anos) e minha colega de estágio (25 anos), falamos sobre a troca de saberes, independente de profissão ou idade, e o quanto todos nós temos a aprender e a ensinar uns aos outros, mesmo com idades tão diferentes como havia em nossa sala de aula do estágio. E mesmo estando em uma sala de aula com jovens e adultos, mais novos e mais velhos que eu, mais uma vez lembrava-me do meu filho e das crianças da escola que ele frequentou quando tinha dois anos de idade, das histórias que contou sobre perder o medo de descer no escorregador porque um amigo o ajudou ou das vezes que o vi brincando com as demais crianças, no pátio.

Maria Carmem Barbosa nos fala sobre as relações entre as crianças e a importância de estarem no coletivo com idades diversas:

As crianças na creche têm a experiência de viver cotidianamente em uma coletividade de meninos e meninas de idades diversas. Desde muito cedo, os bebês procuram as outras crianças com olhares, esboçando sorrisos e sons, tentando tocar o colega com o corpo. A ação pedagógica na turma de bebês deve favorecer o encontro entre eles em diferentes espaços e momentos do dia. A professora precisa estar atenta aos movimentos relacionais do grupo e favorecer o desenvolvimento corporal, afetivo e cognitivo dos bebês. (BARBOSA, 2010, p. 6)

Penso que essa troca de saberes é possível e muito significativa para todas as idades, pois se meu filho aprendia a descer sozinho o escorregador, amparado por um colega mais velho, este colega também aprendia a olhar o menino menor e respeitar seus tempos, suas limitações da idade, também aprendia a incentivar o menor e ajudá-lo a vencer seus medos. Foi isso que meu filho contou certa vez ao chegarmos a uma pracinha no fim de semana, pronto para descer no escorregador: “Não precisa, mãe”, quando tentei segurar sua mão para descer o brinquedo. “Eu já sei. Olha!”. E desceu sozinho! “O Felipe<sup>1</sup> me ensinou”. Estava todo feliz em mostrar sua conquista! Felipe era o colega da outra turma, que tinha, na época, 5 anos.

---

<sup>1</sup> Todos os nomes usados neste trabalho foram trocados para preservar a identidade dos envolvidos.

## **2 ESCOLAS E CRIANÇAS**

### **2.1 A PRESERVAÇÃO DA INFÂNCIA**

Vivemos um momento em que a infância é vivida de forma bem diferente do que em alguns anos atrás. A infância de meus filhos e a minha, por exemplo, são bem distintas, e acredito que o principal motivo seja que a infância para as crianças de hoje esteja marcada pela entrada na vida escolar muito cedo. Nos dias atuais, o crescimento do número de escolas infantis é um número bem significativo, motivado pelas mães que trabalham (NASCIMENTO, 2012) e não têm outros parentes próximos para cuidar de seus filhos. Antigamente, as crianças contavam com as avós para cuidá-las quando os pais precisavam trabalhar, porém, atualmente, as avós encontram-se também ocupadas com seus afazeres ou não querem a responsabilidade para si. Nascimento (2012) ainda aponta outro fator para a institucionalização precoce das crianças ao sugerir que seria a escola o lugar onde os meninos e meninas de hoje teriam como espaço para a socialização com outras crianças.

Cresci em uma cidade no interior do estado do Rio Grande do Sul, em uma época em que as crianças brincavam na rua, cuidadas por avós ou outros familiares, sendo, por vezes, pelos vizinhos. A escola era vista como um estágio que começava na alfabetização, ou pelo menos, na preparação para a alfabetização, a pré-escola. Nesta época, na cidade em que eu morava com meus pais, as crianças iniciavam sua vida escolar aos 5 ou 6 anos de idade. Ao contrário, hoje é impossível pensar em meus filhos associando à liberdade que eu tinha na minha infância, visto que, diferente de mim, meus filhos nasceram na capital do estado, cidade maior e mais populosa do que a cidade em que passei minha infância, ainda sem a facilidade da ajuda dos avós ou parentes próximos. A diferença ainda se encontra no fato de que meu filho mais velho começou a frequentar a escola de Educação Infantil aos cinco meses de idade. Eu iniciei a pré-escola aos cinco anos de idade.

Mesmo com a institucionalização precoce, a criança tem o direito de preservar sua infância, direito ao brincar e de desenvolver-se através do lúdico. Segundo Chateau (LIMA, 2008, p. 65), as brincadeiras infantis são “a estética da vida” e é através dos jogos que as crianças deixam aparecer as suas

potencialidades, de suma importância para o desenvolvimento dos indivíduos.

É impossível imaginar um mundo no qual as crianças não realizassem os jogos e não o ornamentassem com seus risos, barulhos e movimentos; a vida seria um tormento, o mundo estaria repleto de pigmeus desajeitados e silenciosos, sem inteligência e sem alma. (LIMA, 2008, p. 66).

A escola infantil tem que estar preparada para receber a diversidade, com espaços que propiciam o brincar, pois será neste espaço que as crianças, muitas vezes, passarão a maior parte de seus dias, com os professores e colegas de escola. Será neste espaço escolar que as crianças precisam encontrar o ambiente necessário para seu pleno desenvolvimento, bem como um ambiente propício para que cresça de forma saudável, independente e prazerosa.

A escola deve ser um lugar em que a criança se sinta segura, amada e feliz. É um espaço de convivência com outras crianças e as brincadeiras e relacionamentos que existiam entre vizinhos e primos antigamente, hoje são feitos com os colegas de escola. Devemos pensar a escola infantil como

[...] um espaço que abriga ações educativas abrangentes, não apenas de conhecimentos sistematizados e organizados por áreas, mas também de saberes oriundos das práticas sociais, das culturas populares, das relações e interações, dos encontros que exigem a constituição de um tempo e um espaço de vida em comum no qual se possa compartilhar vivências sociais e pessoais. (BARBOSA; RICHTER, 2015, p. 187)

Na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN, 1996), consta que na educação infantil já está previsto o desenvolvimento integral da criança, sendo, portanto, a escola vista como uma extensão da família e da comunidade, como pode ser verificado no seguinte trecho:

#### SEÇÃO II – Da Educação Infantil

Art. 29. A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. (BRASIL, 2013)

Ao falarmos sobre crianças frequentadoras de escola de Educação Infantil, de zero a 6 anos de idade, precisamos falar primeiramente sobre o

brincar. Busco apoio em Ferraris (2011):

A universalidade e a importância que o brincar assume tanto na infância humana quanto em filhotes revelam que a prática é essencial ao desenvolvimento – e ao bom funcionamento – físico e mental. Se os pequenos se dedicam com tanto entusiasmo e despendem tanta energia em tais jogos é porque estes apresentam vantagens evolutivas [...]. Hoje sabemos que, além do intenso prazer que proporciona, brincar permite a aquisição de habilidades e o ensaio de comportamentos que depois serão úteis [...]. As brincadeiras possibilitam aproximar-se do mundo de forma leve e explorá-lo sem medo, desempenhando vários papéis a criança socializa e aprende. (FERRARIS, 2011, p. 38).

Busco referência também em Maria de Lourdes G. Machado Rocha (2016), como segue:

As teorizações psicossociais sobre a ação lúdica infantil destacam também aspectos de integração afetiva e socioculturais determinantes no processo educativo e no desenvolvimento da criança. Realçam a apropriação de formas de encorajamento para a resolução de problemas e de conflitos interpessoais, a aquisição da linguagem e da autonomia, o uso criativo dos recursos materiais, a promoção das competências manipulativas, motoras e sociais. (ROCHA, 2016, p. 155-156)

Nesse espaço escolar a criança deve ter o direito a se desenvolver física e emocionalmente, de brincar livremente, e também com crianças de diferentes idades, sentindo-se segura para criar, reinventar, imaginar. Segundo VIGOTSKY (2009) toda imaginação provém das experiências com a realidade. O jogo e a fantasia seriam a própria interação social, essencial para sua constituição como ser social, que entende e interage com o mundo a sua volta. Enquanto recria o que vive, através de brincadeiras, a criança consegue perceber a si ao mundo que a cerca.

O desenvolvimento da criança encontra-se, assim, intrinsecamente relacionado à apropriação da cultura. Essa apropriação implica uma participação ativa da criança na cultura, tornando próprios dela mesma os modos sociais de perceber, sentir, falar, pensar e se relacionar com os outros. (VIGOTSKY, 2009, p.8)

Seguindo esta abordagem, Barbosa afirma que:

A partir de sua interação com outras crianças – por exemplo, por meio

de brincadeiras e jogos – ou com os adultos – realizando tarefas e afazeres de sobrevivência –, que elas acabam por constituir suas próprias identidades pessoais e sociais. (BARBOSA, 2007, 1066).

Segundo DeVries, Zan e Hildebrandt (2004) nos jogos em grupo encontramos uma motivação maior das crianças ao raciocínio, capacidade de socializar e contribuir para a desenvoltura das brincadeiras. Ao deixar a criança livre para criar e brincar, se estará oportunizando que ela desenvolva várias possibilidades, desempenhando vários papéis, deparando-se com o novo, o inusitado, encontrando soluções para possíveis problemas, estimulando o raciocínio, encontrando respostas e questionando o mundo em que vive. Além de socializar e aprender a entender e conviver com outros indivíduos.

Assim, em minhas práticas pedagógicas no curso de Pedagogia, ou mesmo quando observava as escolas de educação infantil que meu primogênito frequentou, nunca entendia bem, ou nunca aceitava, quando via os espaços que deveriam ser coletivos, como o pátio da escola, por exemplo, separados por cercados para dividir as crianças menores das crianças maiores, ou quando havia escalas de horários para as turmas aproveitarem o pátio, impossibilitando as interações entre crianças de diferentes idades. Sempre que eu perguntava, recebia a resposta que era melhor assim, para as crianças não se machucarem. Meus questionamentos eram: Mas as crianças não poderiam nunca aprender a dividir o mesmo espaço, respeitando os limites de cada um? Não seria possível brincarem livremente, compartilhando brincadeiras, ajudando uns aos outros, respeitosamente?

Barbosa e Richter (2015) ao falarem sobre o currículo na escola infantil e apresentarem uma discussão sobre a utilização da estrutura 'campos de experiência' (modelo italiano) para a formulação desse currículo desde os bebês até ao ensino fundamental, também defendem uma organização escolar em que é possível haver a comunicação entre todas as crianças da escola:

Neste sentido, podemos dizer que as crianças sempre estão investigando pesos e medidas, enfrentando consistências e resistências do mundo. O que muda e o modo como elas realizam as suas ações, elaboram as suas perguntas e significam as respostas que obtém. Conviver entre pares e também entre crianças com diferentes idades intensifica possibilidades de encontros, de exploração do mundo e compreensão de outros pontos de vista. Não é a idade que determina saberes e conhecimentos a serem apreendidos. E do percurso histórico da experiência no mundo e com o mundo, na

temporalidade das interações com as coisas e com os outros, que emerge a compreensão de distintos mundos. (BARBOSA; RICHTER, 2015, p. 192)

Para Piaget (1998, p.118) este ambiente coletivo seria possível se “constituído pela ação dos indivíduos uns sobre os outros quando a igualdade (de fato ou de direito) suplanta a autoridade”. Dessa forma, se todos se sentem iguais, com um sentimento de igualdade perante os demais, com relação aos seus direitos e obrigações, a cooperação e a possibilidade de olhar o outro e entendê-lo torna-se mais possível de ser alcançada. Acredito que quando percebemos o outro com todas as suas particularidades, temos mais chances de aceitá-lo e respeitá-lo. Sendo assim, é possível que a criança, ao ter a possibilidade de conviver com outras crianças da escola e não apenas com as de sua idade, possa construir esse sentimento de igualdade, e, com isso, desvencilhar-se de seu egocentrismo, comum a todas as crianças, e desenvolver um sentimento de cooperação e cuidados, mesmo em crianças pequenas<sup>2</sup>.

E qual criança não gostaria de brincar com outras crianças, independentemente da idade? Podem ter mais afinidades com seus pares, mas muito provavelmente terão interesse nas outras crianças também.

Dessa forma, precisamos ter escolas preparadas para receber essas crianças e que, além dos cuidados essenciais que necessitam, como higiene e alimentação, sejam acolhidas por professores que estejam capacitados e preocupados em criar meios pelos quais elas possam aprender através de suas experiências diárias e nas relações que estabelecem com seus pares, seus professores e com outras crianças. Para tanto, um olhar cuidadoso e uma postura sempre ativa do professor é essencial já que, conforme DeVries e Zan (1998, p. 79), o professor “as estimula a apresentarem ideias, sobre o que aprender e facilita a exploração, experimentação, investigação e invenção”.

Ainda, segundo Barbosa e Richter (2015, p. 195), com um olhar atento nas crianças é possível perceber suas inquietações, suas dúvidas e curiosidades, pois são elas “que nos apontam os caminhos, as questões, os temas e os conhecimentos de distintas ordens que podem ser por elas compreendidos e compartilhados no coletivo”. Portanto, está com o professor a

---

<sup>2</sup> Para esta pesquisa falamos em crianças na faixa etária de 0 até 6 anos de idade.

responsabilidade de pensar nesses encontros entre crianças de diferentes idades, possibilitando interações e novas experiências.

## **2.2 ESPAÇOS DAS ESCOLAS E O BRINCAR COLETIVO**

Ao pensarmos a escola de Educação Infantil como uma extensão de nossa casa – falo isso também como uma mãe que sempre trabalhou e estudou, portanto, que sempre precisou deixar seus filhos em escolas – pensamos também, obviamente, nos relacionamentos que estas crianças, alunos e/ou nossos filhos, desenvolverão ao longo do tempo em que permanecerão em seu interior. Relacionamentos que incluem professores, demais funcionários e os colegas. Acredito que um desenvolvimento pleno aconteça em comunicação com toda a rede de pessoas ligadas ou próximas à criança, sendo elas de convívio familiar, como os integrantes da família, amigos, vizinhos, ou de seu universo escolar, considerando também que em muitos casos a escola é o local de maior permanência da criança durante toda a semana. Logo, será na escola que essa criança precisará de uma rede maior de relacionamentos, visando, assim, uma maior possibilidade de experiências pessoais e sociais.

Macedo (2005) quando fala sobre a prática docente reflexiva e do quanto é importante essa reflexão do professor para que possa perceber e acolher toda a diversidade de alunos, com todas suas singularidades, afirma que:

A escola, hoje, é uma instituição sobrecarregada, que acumula funções socioculturais outrora mais bem repartidas: na rua, nas vizinhanças, nos quintais de nossas casas, na igreja, na praça. Muitas coisas que antes fazíamos e aprendíamos nesses lugares agora são feitas na escola. Hoje, os professores convivem com as crianças por mais tempo e mais intensamente do que os pais. (MACEDO, 2005, p. 31-32)

Ainda, segundo Macedo (2005), atualmente, pensar os relacionamentos é fundamental, seja entre as próprias crianças ou destas com a escola, bem como da escola com as famílias e comunidade em que está inserida. Desta forma, mais uma vez, reafirmo a importância de possibilitar a todas as crianças da escola uma convivência que permita as interações e trocas entre meninos e meninas de idades diversas, pois, como afirma este autor:

Fala-se muito de relacionamentos porque é a grande questão no mundo atual, que se quer mais universalizado, globalizado, mais próximo, e, ao mesmo tempo, tão distante no paradoxo que é a forma como o mundo de hoje se organiza e nos desafia. (MACEDO, 2005, p. 127)

Piaget (1998, p.138), ao analisar como educadores e demais profissionais que trabalham com crianças perceberam a importância do trabalho em grupo, conclui que “a criança, tendo chegado num certo grau de desenvolvimento, tende espontaneamente à vida coletiva e ao trabalho em comum”, pois a criança é um ser ativo que aprende pela experiência, necessitando, portanto, do contato real com seus objetos de pesquisa, sendo estes materiais ou a níveis de relacionamentos. Evidencia-se, aqui, a necessidade de as crianças estarem no coletivo, lugar possível de trocas, de novas descobertas e de percepção de si mesmo.

Em primeiro lugar, o indivíduo, a princípio fechado no egocentrismo inconsciente que caracteriza sua perspectiva inicial, só se descobre na medida em que aprende a conhecer os outros. É surpreendente, com efeito, que a consciência de si não seja um dado da psicologia individual, mas constitua uma conquista da conduta social. (PIAGET, 1998, p. 141)

Ainda, citando Piaget, DeVries e Zan (1998, p. 61) reforçam que “as interações com colegas são cruciais para a construção dos sentimentos sociais e morais, valores e competência social e intelectual das crianças”. Logo, ao pensar em cada pessoa, cada criança, como um ser social que tem seus próprios interesse e gostos, que interage com o outro, seja dentro da família, comunidade em que vive ou dentro da escola, também é pensar que saber conviver com a diversidade é fundamental para um desenvolvimento que visa estar em sociedade.

Perceber o outro com suas singularidades é reconhecer diferenças e saber respeitá-las. Assim, acredito que partilhar de momentos ricos de convivência nos espaços coletivos da escola, com brincadeiras livres ou planejadas pelos professores, é oferecer às crianças uma oportunidade maior de experiências e aprendizados, que, possivelmente, não teriam apenas relacionando-se com seus pares.

Conforme as Diretrizes Curriculares Gerais da Educação Básica (2013,

p.36), “A Educação Infantil tem por objetivo o desenvolvimento integral da criança até 5 (cinco) anos de idade, em seus aspectos físico, afetivo, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade”. Para tanto, há necessidade de relações significativas dentro da escola, buscando um melhor desenvolvimento das crianças em função de convivência estimulante, promovendo, também, a construção da autonomia e da cooperação, pois, ainda, segundo as Diretrizes Curriculares Gerais da Educação Básica:

A escola de Educação Básica é espaço coletivo de convívio, onde são privilegiadas trocas, acolhimento e aconchego para garantir o bem-estar de crianças, adolescentes, jovens e adultos, no relacionamento entre si e com as demais pessoas. [...] Essa concepção de escola exige a superação do rito escolar, desde a construção do currículo até os critérios que orientam a organização do trabalho escolar em sua multidimensionalidade, privilegia trocas, acolhimento e aconchego, para garantir o bem-estar de crianças, adolescentes, jovens e adultos, no relacionamento interpessoal entre todas as pessoas. (BRASIL, 2013, p. 25)

São nos espaços coletivos de convívio que as crianças têm maior liberdade de interagir, socializar com parceiros distintos, como crianças maiores e menores ou demais professores, meninos e meninas, tendo a oportunidade de conhecer o outro, aprender brincadeiras diversas, e não apenas ficar restrita a pares conforme sua faixa etária. Acredito que tal separação por idade é como se colocássemos um limite de onde cada criança pudesse ir, quase como um limite de território, que não pudesse ser ultrapassado. Ao pensarmos a escola e seus espaços físicos coletivos dividindo-os entre as idades das crianças, ou dividindo esses espaços em horários para cada faixa etária desfrutar, estaríamos apenas classificando e desconhecendo as infinitas possibilidades de interações, produções coletivas e desenvolvimento social e cultural destas crianças.

### 3 A PESQUISA

#### 3.1 SOBRE A METODOLOGIA

Para que fosse possível observar e, posteriormente, analisar as interações entre crianças de diferentes idades nos espaços coletivos da escola, como acontecem essas interações e se há relevância para as crianças, foi realizada uma pesquisa de caráter qualitativo, tendo meu próprio percurso como ponto de referência.

Duarte (2002) ao falar sobre pesquisa qualitativa afirma que:

Uma pesquisa é sempre, de alguma forma, um relato de longa viagem empreendida por um sujeito cujo olhar vasculha lugares muitas vezes já visitados. Nada de absolutamente original, portanto, mas um modo diferente de olhar e pensar determinada realidade a partir de uma experiência e de uma apropriação do conhecimento que são, aí sim, bastante pessoais. (DUARTE, 2002, p.140)

Refletindo, então, sobre o que observei nas escolas enquanto realizava práticas pedagógicas na graduação e enquanto frequentava a primeira escola de Educação Infantil de meu filho caçula, entendi ser necessário estar na escola apenas com o olhar de pesquisadora, para responder aos meus questionamentos quando às possibilidades e vantagens, se houvessem de uma convivência coletiva entre crianças de diferentes idades. Para tanto, optei pela modalidade pesquisa qualitativa, com observação participante, pois esta pressupõe o observar e o vivenciar, bem como foi utilizado o diário de campo como instrumento para os registros dos dados. Meu objetivo era deixar as crianças o mais confortáveis possível, enquanto acostumadas com minha presença, para que pudessem agir naturalmente nos momentos em que eu estivesse na escola.

Fernandes (2011), afirma, ao definir a observação participante:

Trata-se de uma técnica de levantamento de informações que pressupõe convívio, compartilhamento de uma base comum de comunicação e intercâmbio de experiências com o(s) outro(s) [...]. Efetivamente, implica em estar e observar aonde a ação acontece. E mais: não apenas estar e observar onde a ação acontece, mas ser partícipe da mesma, visando um objetivo de pesquisa. (FERNANDES, 2011, p. 264)

Também foi utilizado para este trabalho, além da pesquisa de abordagem qualitativa, fontes bibliográficas, artigos, revisitação a autores já apresentados em aula quando estudante do curso de Pedagogia, assim como o estudo de leis sobre a educação brasileira, também já conhecida. O objetivo é realizar a análise do tema proposto a partir de fontes diversas.

### **3.2 QUESTÃO DA PESQUISA**

Qual a relevância para as crianças o convívio com outras crianças de idades diferentes nos espaços coletivos de uma escola de Educação Infantil?

### **3.3 OBJETIVO GERAL**

Pesquisar como acontecem as interações entre crianças de diferentes idades nos espaços coletivos da escola e se durante tais interações existe cooperação, aprendizados e desenvolvimento de relacionamentos de forma significativa para estas crianças.

### **3.4 OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- Observar os acontecimentos dos espaços coletivos de uma escola de Educação Infantil;
- Analisar as relações que as pessoas, em especial as crianças em idades diferentes, de 0 a 6 anos, estabelecem entre si;
- Entrevistar os docentes a respeito do uso coletivo de espaços da escola e as implicações desse uso no desenvolvimento das crianças.

### **3.5 CONTEXTO E SUJEITOS DA PESQUISA**

A escola da pesquisa está localizada na cidade de Porto Alegre/RS e atende, atualmente, 19 crianças, com 0 até 6 anos de idade, ofertando Educação Infantil, do berçário até a pré-escola, nos turnos manhã e tarde, totalizando três turmas atendidas em meio turno ou turno integral. Conta com seis funcionários, dentre os quais 3 professoras titulares das turmas.

A escolha desta escola definiu-se por ter despertado em mim, mãe frequentadora, uma inquietação relacionada com as interações entre crianças de idades diversas, que se confrontava com observações realizadas em outras escolas, enquanto aluna de Pedagogia.

O prédio em que funciona é dividido em quatro salas de aula, banheiros adulto e infantil, sala de vídeo, sala de convivência com brinquedos diversos e biblioteca, escritório, cozinha e refeitório, além de pátio aberto com árvore, plantas, areia, espaço reservado para futebol, brinquedos grandes de plástico, brinquedos diversos menores, estruturados e não estruturados e espaço reservado com pia para higiene inicial após o fim das brincadeiras livres. Nesse espaço aberto, de convívio coletivo, a única delimitação com redes é para o jogo de futebol, sendo que permaneceu aberto e livre em todos os dias das observações realizadas.

### **3.6 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DAS OBSERVAÇÕES E ENTREVISTAS**

#### **3.6.1 Observações**

O planejamento inicial era realizar observações nos horários em que as crianças estivessem no pátio da escola. Porém devido a imprevistos como chuva e festa de aniversário, foi possível realizar quatro dias de observações, intercalando pátio e interior da escola. As observações foram realizadas no período da tarde.

Ao chegar à escola, no primeiro dia, as crianças já estão no pátio, à vontade. Brincam, correm, algumas se aproximam e começam a conversar comigo. Explico a todas quem sou e logo vários assuntos surgem. Observo, ao longe, um bebê (9 meses), que está sozinho em seu carrinho, virado de costas para as crianças. A professora o deixou para buscar algo dentro da escola. Inquieto, tenta olhar para trás várias vezes, seguindo o barulho que as crianças fazem. Uma menina (4 anos) que está correndo pelo pátio, percebe a agitação do bebê e para ao lado do carrinho, fica brincando com ele enquanto espera a professora voltar. A menina só o deixa quando a professora retorna.

Um menino (2 anos) tenta subir o escorregador ao contrário, pela frente, quando seu colega (2 anos) deita em cima dele e não o deixa subir. O menino

chora e outro (4 anos) aparece correndo para ajudá-lo. Retira o coleguinha de cima dele, ajuda-o a levantar e ainda explica para o coleguinha que não pode fazer isso porque machuca. As professoras observam, mas não interferem.

Logo no primeiro dia de observação já é possível perceber que o brincar livre, com todas as crianças da escola, reunidas em um mesmo espaço, gera conflitos. Porém conflitos que foram solucionados pelas próprias crianças, sempre observadas pelas professoras. Também ficou muito nítida a percepção da menina de 4 anos que parou de brincar ao notar a agitação do bebê que estava no carrinho.

Busco apoio em Maria de Lourdes G. Machado Rocha (2016), em seu artigo que fala sobre os tempos livres das crianças como oportunidades de aprendizados não sistematizados, que, além de proporcionarem prazer, também permitem o desenvolvimento da autonomia, a capacidade de decidir para solucionar possíveis dificuldades apresentadas. Além de, como relatado acima nas duas situações prontamente resolvidas pelas próprias crianças, o desenvolvimento da capacidade de perceber e entender o outro.

No segundo dia, chego um pouco mais cedo que o horário combinado, e as crianças estão jantando, todas as turmas reunidas no refeitório. Duas professoras ajudam as menores e as maiores ficam sentadas na mesma mesa, sozinhas. Todos, alunos e as duas professoras, conversam. As crianças, que terminam o jantar, são atendidas por outro professor, numa das salas de aula do andar térreo, que os ajuda a escovar os dentes e trocar a roupa, se necessário. Hoje anteciparam o horário do pátio, devido ao risco de chuva, então não consegui observar este espaço coletivo. Ao chegar à escola, solicitei que eu aguardasse na sala de espera, ao lado do refeitório, portanto só consegui ouvir as conversas durante a refeição. Após, as crianças foram para suas salas, não havendo disponibilidade para a observação no coletivo.

O dia seguinte, terceiro dia de observação, também anteciparam o horário de pátio devido à comemoração do aniversário de uma aluna (6 anos). A escola permite que os pais realizem a festa de aniversário de seus filhos, desde que, além das crianças e professores que frequentam a escola, apenas estejam presentes pai, mãe e irmãos, se houver, ou os responsáveis mais próximos do aniversariante.

Logo que entro na escola percebo que todas as crianças estão arrumadas

para a festa. As professoras trocaram a roupa de todos após brincarem no pátio, arrumaram os cabelos. As crianças parecem ansiosas, há uma agitação que não observei nos dias anteriores. Chego à porta de uma das salas que estão e várias crianças vão ao meu encontro, querem mostrar o penteado, suas roupas para a festa.

Quando liberados pelas professoras, todos saem das salas e entram no local da festa (sala de aula preparada para o aniversário). As crianças entram e sentam ao redor de uma mesa grande, que já está organizada com o bolo, salgadinhos, docinhos e gelatinas. Todos muito organizados. Sentam, conversam e esperam cantar os parabéns para depois as professoras começarem a servir os salgadinhos e após, os docinhos.

Conforme terminam de comer, as crianças vão saindo da mesa para a sala anexa e começam a brincar. Uma professora sai da sala e volta com uma caixa de som. Algumas crianças pegam brinquedos, outras dançam.

Um menino (2 anos) deita no colo de outro (6 anos) e este o abraça carinhosamente. Os dois deitam no tapete, um do lado do outro e o menor brinca no ar com um carrinho que estava em sua mão.

Chegam três meninas perto de mim e a maior (3 anos) oferece gelatina para a menor (2 anos). A menina maior alimenta a menor até que acabe a gelatina.

O bebê (9 meses) choraminga no carrinho e logo duas meninas, ambas com 6 anos se aproximam e tentam entretê-lo. O bebê cessa o choro e sorri para as meninas, presta atenção no que elas falam e fica calmo. Um menino, também de seis anos se aproxima e faz cócegas para o bebê sorrir.

Nesse dia, é possível perceber claramente que as crianças brincam com seus pares, afinal todos se conhecem e já existem os relacionamentos por afinidade ou por tempo de amizade, porém já percebem os outros colegas e os respeitam. Há um sentimento de cuidado, de todos para todos. Esse espaço coletivo e a convivência em harmonia com crianças de diferentes idades e com possibilidades infinitas de relacionamentos propiciam, portanto, um contato com a pluralidade e permite que a criança vivencie e respeite o outro (SOLÉ, 2010).

Se estes processos forem vividos na escola, é provável que a criança chegue à vida adulta sem medo da diferença e com compromisso pela solidariedade e defesa da sadia convivência, convencida de que o

conhecimento do outro facilita o trabalho colaborativo, o qual é aberto a diversas ideias e à negociação que visa à resolução de diferenças, conflitos, assim como à melhora da qualidade de vida, ou seja, a saúde individual e coletiva, a cidadania. (SOLÉ, 2010, p. 53)

Mais uma vez, agora em espaço coletivo dentro da escola, um espaço menor, local onde poderia haver maior incidência de conflitos entre as crianças, pela proximidade, pelo agitação nas danças ou por disputa de brinquedos, o que percebi foi um ambiente saudável e em harmonia. Novamente observei o cuidado com o outro e as amizades que a faixas etárias diferentes não distanciaram.

No quarto dia de observação, chego à escola e encontro no pátio os bebês e as crianças de 3 a 6 anos. A professora da turma de 1 a 2 anos entrou mais cedo devido ao calor.

Enquanto converso com três meninas, observo os bebês ao longe, sentados à sombra de um brinquedo. Um bebê de 10 meses e outro de 9 meses estão no balanço com a professora ao lado. A mesma se afasta e após um período os bebês começam a chorar. Uma menina de 6 anos, que brinca próxima aos bebês, senta ao lado deles para acalmá-los.

Todas as crianças de 3 a 6 anos brincam juntas com brinquedos, potes plásticos e areia do pátio. Fazem comidas imaginárias e servem a todos que estão no local, colegas e professoras. Também recebo salada de frutas, bolo e iogurte, tudo feito com areia. O grupo se dispersa, forma outros grupos menores, voltam para o grupo maior. Brincam um pouco de restaurante, depois alguns vão para uma árvore e tentam escalar, sem sucesso, e, novamente pequenos grupos se reorganizam, e agora brincam dentro da casinha de plástico. Alguns, ainda, tentam caçar formigas. Pergunto por que estão caçando as formigas e uma menina de 3 anos e outra de 2 anos explicam que elas não maltratam as formigas, apenas brincam de cuidar e depois as deixam livres.

Observo o cuidado, as brincadeiras, pequenos conflitos que são logo resolvidos pelas crianças. As professoras estão próximas, atendem quando solicitadas, ajudam com brinquedos, circulam pelo pátio e pelo interior da escola quando levam os bebês para troca de fraldas ou quando buscam algum alimento. Fazem pequenas intervenções, respondem perguntas, auxiliam a ir ao banheiro ou lavar as mãos.

Percebi nesses quatro dias de observações um espaço realmente coletivo, seja no pátio ou dentro do prédio da escola e, mais do que tudo, um local em que é permitido e incentivado que a criança tenha autonomia para usufruir destes espaços, para que brinque e socialize de forma livre, sendo observadas e orientadas pelos professores na resolução de conflitos e diferenças, por exemplo, de forma positiva e segura. Em todos os dias observados nenhuma criança caiu ou foi derrubada por outra criança a ponto de machucar ou chorar.

### 3.6.2 Entrevista

A ideia inicial era realizar 4 entrevistas, com a proprietária da escola e as 3 professoras, mas, em função de uma série de imprevistos, foi possível entrevistar apenas 1 professora. Quando cheguei à escola recebi a informação de que uma das professoras havia faltado naquele dia e outra professora acabara de sair para resolver assunto pessoal e não sabiam retornaria.

O roteiro da entrevista continha, além das informações referentes à minha pesquisa e sobre questões de confidencialidade, perguntas sobre como as crianças se relacionavam quando estavam nos espaços coletivos da escola, compartilhando destes locais com seus pares e crianças de outras idades.

A professora entrevistada, formada no Magistério e em Pedagogia com habilitação em orientação educacional, descreveu que nos momentos coletivos no pátio as crianças são bem tranquilas e *“interagem bem, todo mundo brinca com todo mundo no pátio, não tem muita divisão”*. Porém quando questionada sobre os momentos em espaços coletivos no interior da escola, comenta que em espaços fechados sempre percebe mais atritos entre as crianças. Observo, enquanto realizo a entrevista na porta da sala de aula, com a maioria das crianças da escola reunidas neste mesmo local (as outras duas professoras não se encontraram na escola no horário agendado para as entrevistas), que as crianças parecem realmente mais agitadas, mas nada muito diferente nos dias em que estive no pátio com elas. O que mais me chama a atenção é que as crianças ficam muito próximas, devido ao espaço limitado da sala e penso ser devido a isto, por não haver um espaço maior para se movimentarem que ficam mais agitadas e ocorrem, provavelmente, mais atritos entre elas.

A professora ainda relatou na entrevista que, quanto aos atritos, há intervenção maior das professoras quando as crianças mais novas estão envolvidas, visto que estão aprendendo a se relacionar e testando os limites, seus e dos outros. A professora ainda ressalta que *“se protegem uns aos outros”*, e neste comentário é possível perceber que há um sentimento de afeto e cuidado entre todas as crianças, construído justamente nestes momentos em que interagem e que tem a possibilidade de criar vínculos.

A professora entrevistada acredita que as crianças aprendem muito ao brincar com o outro e que além de brincadeiras novas, também aprendem a dividir e a se comunicar melhor, pois o contato com crianças maiores auxilia no desenvolvimento da linguagem das crianças menores. E embora concorde que existe a possibilidade de diversos aprendizados quando crianças de faixas etárias diversas interagem, declarou que *“Com mais alunos, acredito que há necessidade de separação, mas é importante ter alguns momentos juntos para interagir”*. Concordo que nesta escola, pela quantidade de crianças, o processo de interação e desenvolvimento dos relacionamentos aconteça de forma mais tranquila e harmoniosa, porém não podemos privar as crianças do contato com outras crianças, apenas por questões de idade e por ainda não aprenderem a perceber o outro ou lidar com as diferenças. Conforme DeVries e Zan:

“O motivo para a cooperação começa com um sentimento de mútua afeição e confiança que vai se transformando em sentimentos de simpatia e consciência das intenções de si mesmo e dos outros. A cooperação é uma interação social que se dirige a um determinado objetivo entre indivíduos que se consideram como iguais e tratam uns aos outros como tais [...]” (DEVRIES; ZAN, 1998, p. 57).

Acredito que os espaços coletivos dentro das escolas sem separações, são essenciais. Espaços que permitam as novas interações, os novos relacionamentos, visando o pleno desenvolvimento das crianças, percebendo-as também como seres sociais que são. Observando as crianças em seus momentos no coletivo, brincando, inventando, imaginando, e ao mesmo tempo cuidando de seus amigos, penso que vivemos um momento em que é necessário rever alguns conceitos de infância ou de escola da infância. Precisamos permitir mais às crianças, aprender com elas e praticar uma pedagogia para elas, de acordo com suas reais necessidades.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste capítulo do trabalho são apresentadas considerações que as análises dos dados coletados suscitaram, tendo como subsídio as observações realizadas nos espaços coletivos da escola e descritas em capítulo anterior, assim como a entrevista com a professora, apoiadas na literatura estudada para a realização desta pesquisa.

Em minhas observações nas escolas de Educação Infantil, enquanto aluna do curso de Pedagogia ou como mãe de crianças frequentadoras das escolas, ao questionar por que as crianças menores eram sempre separadas das crianças maiores no pátio ou, em alguns casos, por que havia definição de horários para as turmas usufruírem do espaço coletivo, sempre recebia as mesmas respostas, que compartilhavam da certeza de que essa era a forma mais segura para as crianças, pois se as deixassem misturadas as maiores machucariam as menores, existindo perigo de queda, machucados e outros acidentes.

Assim, foram surgindo inquietações que esperava responder com esta pesquisa, tais como: Seria possível brincar livremente, compartilhando jogos, cooperando e aprendendo, respeitosamente, de forma a contribuir para o desenvolvimento de todos os envolvidos, independentemente da idade?

A partir das investigações realizadas para a construção deste trabalho, destaco o brincar, o lúdico, o reinventar e o imaginar como elementos essenciais que contribuem para o desenvolvimento saudável das crianças. A criança brinca e enquanto brinca aprende, conhece, desenvolve, participa, colabora. Esta é a forma da criança interagir com o mundo. É a forma da criança estar no mundo. Ao mesmo tempo em que reinventa o que vê e o que sente (VIGOTSKY, 2009) em suas brincadeiras, em contato com o outro, aprende sobre si mesmo e sobre o meio que o cerca (PIAGET, 1998).

Nas observações realizadas, as crianças, em contato com seus pares e com demais crianças na escola, de idades diversas, em suas mediações com os outros, aprendiam e ensinavam e, todos juntos, maiores e menores, compartilhavam brincadeiras em harmonia, baseadas em relacionamentos fundados no respeito e na confiança, como a situação do menino de 2 anos que aceita que o maior, de 4 anos o retire de cima do coleira no escorregador, e ouve

atentamente as orientações do menino maior. Não há brigas, não há discussões, há entendimento.

Foi possível inferir que, além de ser significativo para as crianças estarem com seus pares, compartilhando curiosidades e experiências, também é significativa para as crianças a mistura entre idades diferentes, visto que isso intensifica a possibilidade de interações, aprendizados e experiências. Muito mais do que ser cuidado ou incentivado por uma criança maior, as crianças menores também ensinam aos maiores. Deste contato tão rico, desenvolvem um olhar de empatia, de cuidado, de atenção, além, obviamente, de todas as novas possibilidades de brincadeiras e invenções.

Mesmo que o lúdico seja constante nas escolas de Educação Infantil e as brincadeiras façam parte de quase todos os processos de aprendizagem desta etapa da infância, o brincar livre, sem a intencionalidade do professor, também favorece o aprendizado, o desenvolvimento e o despertar de capacidades (ROCHA, 2016). Ainda, em minhas observações, percebi que as crianças, independente de idades, compartilharam brincadeiras, negociaram, conversaram, cooperaram e trocaram aprendizados, o que foi confirmado pela professora ao ser questionada se acreditava haver aprendizagens nesses momentos coletivos: “Com certeza aprendem ao brincar com o outro, coisas novas. Aprendem a relação de dividir, se comunicar”.

No que se refere às respostas recebidas nas demais escolas de Educação Infantil que frequentei antes desta pesquisa, enquanto mãe ou enquanto aluna realizando observações ou práticas pedagógicas, no que diz respeito à incapacidade de as crianças estarem em harmonia no mesmo espaço coletivo, sem haver incidentes, por estarem em momentos distintos de seu desenvolvimento ou por terem objetivos distintos nas brincadeiras pertinentes a suas idades, tais afirmações não foram confirmadas em minha pesquisa. Muito pelo contrário, em todos os momentos em que estive na escola, o que vi foi integração e sociabilidade. Claro que presenciei conflitos, mas todos solucionados pelas crianças, algumas vezes com ajuda das professoras, sem brigas, sem choro, sem grandes desentendimentos.

Reafirmo, portanto, minha ideia inicial, motivada pelas falas de meu filho caçula, quando chegava em casa contando suas aventuras com os colegas da escola que frequentava, de que é possível e necessário o convívio harmonioso

entre crianças de diferentes idades. Em minha pesquisa percebi que as crianças são capazes de socializar, de ofertar seus conhecimentos e de aprender constantemente com o outro, independentemente de suas singularidades. É justamente através de todos os conflitos e opiniões diversas, geradas pelos relacionamentos que desenvolvem, que as crianças percebem o outro, refletem sobre infinitas situações e conseqüentemente, percebem-se como integrantes do coletivo (PIAGET, 1998).

Foi possível perceber com esta pesquisa que os relacionamentos e interações entre crianças de diferentes idades são possíveis de acontecer de forma natural e harmoniosa e, ainda, que se as crianças forem estimuladas a desenvolver a autonomia necessária para lidar com as situações adversas, também desenvolverão sentimentos de responsabilidade e cuidado com o outro.

Este estudo, muito mais do que sanar uma inquietação, resultante de um conflito gerado entre observações feitas em escolas de Educação Infantil e tudo o que lia e aprendia enquanto aluna do curso de Pedagogia, me proporcionou entender mais sobre as possibilidades de interações entre crianças, e o quanto aprendem e se desenvolvem individualmente e socialmente durante seus jogos e relacionamentos. Para tanto, reforço que somente terão a oportunidade de aprender sobre o outro se em contato com o outro, sendo, portanto, de imensa relevância para os alunos que a escola permita e estimule esses encontros entre crianças de idades diversas, para que assim tenham condições de pensar e estar no coletivo.

Ao finalizar este trabalho, penso na utilização das informações coletadas e nos estudos realizados, como ferramenta para auxiliar o trabalho de organização e melhor utilização dos espaços coletivos das escolas. Perceber tais espaços como uma extensão da sala de aula no que se refere a aprendizagens e desenvolvimento das crianças. Os espaços coletivos das escolas são locais de brincadeiras livres, mas que devem ser pensados e aproveitados para proporcionar a todas crianças novas aprendizagens, novas descobertas, novas brincadeiras, novos relacionamentos e infinitas interações.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Maria Carmem Silveira. Especificidades da ação pedagógica com os bebês. In: **I Seminário Nacional: Currículo em movimento – perspectivas atuais**, Belo Horizonte, nov. 2010. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/observatorio-da-educacao/195-secretarias-112877938/seb-educacao-basica-2007048997/16110-i-seminario-nacional-do-curriculo-em-movimento>>. Acesso em: 12 out. 2018.

\_\_\_\_\_. Culturas escolares, culturas de infância e culturas familiares: as socializações e a escolarização no entretecer destas culturas. **Educação e Sociedade**, Campinas, vol. 28, n°. 100, p. 1059-1083, Out 2007.

\_\_\_\_\_; RICHTER, Sandra Regina Simonis. Campos de experiência: uma possibilidade para interrogar o currículo. In: FINCO, Daniela (Org.); BARBOSA, Maria Carmen Silveira (Org.); FARIA, Ana Lúcia Goulart de (Org.). **Campos de experiências na escola da infância: contribuições italianas para inventar um currículo de educação infantil brasileiro**. Campinas, SP: Leitura Crítica, 2015.

BRASIL. **Diretrizes curriculares gerais da Educação Básica**. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. Diretoria de currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/docman/julho-2013-pdf/13677-diretrizes-educacao-basica-2013-pdf/file>>. Acesso em: 14 out. 2018.

\_\_\_\_\_. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Ministério da Educação. Brasília, 1996. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm)>. Acesso em: 14 out. 2018.

DEVRIES, Retha. ZAN, Betty. **A ética na educação infantil: o ambiente sócio moral na escola**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1998.

DEVRIES, Retha. ZAN, Betty. HILDEBRANDT, Carolyn. EDMIASTON, Rebecca. SALES, Christina. **O currículo construtivista na educação infantil: práticas e atividades**. Porto Alegre, Artmed, 2004.

DUARTE, Rosália. Pesquisa qualitativa: Reflexões sobre o trabalho de campo. **Cadernos de Pesquisa**, Rio de Janeiro, n. 115, p. 139-154, março/ 2002.

FERNANDES, F. M. B. Considerações Metodológicas sobre a Técnica da Observação Participante. In MATTOS, R. A.; BAPTISTA, T. W. F. **Caminhos para análise das políticas de saúde**, 2011. p. 262-274.

FERRARIS, Ana Oliveiro. Agitação que faz bem. **Mente Cérebro**. São Paulo: Ediouro Duetto Editorial Ltda. Ano XVIII, nº 216, jan/2011, p. 36-41.

LIMA, José Milton. **O jogo como recurso pedagógico no contexto educacional**. São Paulo: Cultura Acadêmica: Universidade Estadual Paulista, 2008.

MACEDO, Lino. **Ensaio pedagógicos**: como construir uma escola para todos? Porto Alegre: Artmed, 2005.

NASCIMENTO, Maria Leticia Barros Pedroso. Qué significa la Educación Infantil? In: **Revista Infância Latinoamericana**, nº 4, abril 2012, p. 6-10.

PIAGET, Jean. **Sobre a Pedagogia**: Textos inéditos. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

ROCHA, Maria de Lourdes G. Machado. Brincar: oportunidade lúdica nos tempos livres da criança? In: KISHIMOTO, T. M. (Org.); SANTOS, Maria Walburga dos (Org.). **Jogos e brincadeiras**: tempos espaços e diversidade: pesquisas em educação). São Paulo: Cortez, 2016. p. 151-172.

SOLÉ, Maria Borja. Os pátios escolares: tempos e espaços de jogos sadios e de saudável convivência intercultural. In: OLIVEIRA, Vera Barros de; SOLÉ, Maria Borja; FORTUNA, Tânia Ramos. **Brincar com o outro**: caminho de saúde e bem-estar. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

VIGOTSKY, Lev S. **Imaginação e criação na infância**: ensaio psicológico. Livro para professores. São Paulo: Ática, 2009.

## APÊNDICE A – TERMO DE CONCORDÂNCIA DA INSTITUIÇÃO

### TERMO DE CONCORDÂNCIA DA INSTITUIÇÃO

Estamos realizando uma pesquisa que tem como objetivo investigar a “aprendizagem interativa nos momentos coletivos do contexto escolar”. A referida pesquisa constituirá o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da acadêmica do Curso de Licenciatura em Pedagogia Cristiane Nunes Santa Maria. Para tanto, solicitamos autorização para realizar este estudo nesta instituição, na qual Cristiane vivenciou uma experiência significativa como mãe de um aluno, o que originou o presente estudo.

A coleta de dados envolverá (1) observações no contexto escolar, envolvendo atividades coletivas, como chegada na escola, recreio, horário de espera dos pais, no término das atividades; (2) entrevista com o corpo docente e gestor da instituição.

Os participantes do estudo serão claramente informados de que sua contribuição é voluntária e pode ser interrompida a qualquer momento, sem nenhum prejuízo. A qualquer momento, tanto os participantes quanto os responsáveis pela Instituição poderão solicitar informações relacionadas a este estudo.

Todos os cuidados serão tomados para garantir o sigilo e a confidencialidade das informações, preservando a identidade dos participantes bem como da instituição envolvida.

Agradecemos a colaboração desta instituição para a realização desta atividade de pesquisa e colocamo-nos à disposição para esclarecimentos adicionais. A professora orientadora, responsável pela realização da investigação e elaboração do TCC é a Profa. Dra. Darli Collares do Departamento de Estudos Básicos da Faculdade de Educação da UFRGS. Caso queiram contatá-la, isso poderá ser feito pelo telefone (51) 99113-6231 ou pelo e-mail [darli.collares@ufrgs.br](mailto:darli.collares@ufrgs.br).

\_\_\_\_\_  
Local e data

\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Darli Collares

\_\_\_\_\_  
Acad. Cristiane Nunes Santa Maria

-----  
Concordamos que os jovens, que estudam nesta instituição, participem do presente estudo.

Escola: \_\_\_\_\_

Responsável: \_\_\_\_\_

Local e data: \_\_\_\_\_

## APÊNDICE B – TERMO DE CONCORDÂNCIA DA ENTREVISTADA

### TERMO DE CONCORDÂNCIA DA ENTREVISTADA

Cara Professora

Estamos realizando uma pesquisa que tem como objetivo investigar a “aprendizagem interativa nos momentos coletivos do contexto escolar”. A referida pesquisa constituirá o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da acadêmica do Curso de Licenciatura em Pedagogia Cristiane Nunes Santa Maria. Para tanto, solicitamos autorização para realizar este estudo nesta instituição, na qual Cristiane vivenciou uma experiência significativa como mãe de um aluno, o que originou o presente estudo.

A coleta de dados, envolvendo observações no contexto escolar, em atividades coletivas, como chegada na escola, recreio, horário de espera dos pais, no término das atividades, também prevê entrevista com o corpo docente e gestor da instituição. Nesse sentido, conto com sua preciosa colaboração.

Reafirmamos, neste momento, que sua contribuição é voluntária e pode ser interrompida a qualquer momento, sem nenhum prejuízo. A qualquer momento, tanto os participantes quanto os responsáveis pela Instituição poderão solicitar informações relacionadas a este estudo.

Todos os cuidados serão tomados para garantir o sigilo e a confidencialidade das informações, preservando a identidade dos participantes bem como da instituição envolvida.

Agradecemos a colaboração desta instituição para a realização desta atividade de pesquisa e colocamo-nos à disposição para esclarecimentos adicionais. A professora orientadora, responsável pela realização da investigação e elaboração do TCC é a Profa. Dra. Darli Collares do Departamento de Estudos Básicos da Faculdade de Educação da UFRGS. Caso queiram contatá-la, isso poderá ser feito pelo telefone (51) 99113-6231 ou pelo e-mail [darli.collares@ufrgs.br](mailto:darli.collares@ufrgs.br).

\_\_\_\_\_  
Local e data

\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Darli Collares

\_\_\_\_\_  
Acadêmica Cristiane Nunes Santa Maria

-----  
Concordo em participar do presente estudo através de uma entrevista

Entrevistada: \_\_\_\_\_

## APÊNDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTA

### Roteiro de entrevista (Professora)

#### UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL FACULDADE DE EDUCAÇÃO

#### APRESENTAÇÃO

**Prezada Professora,**

- 1) Iniciar com apresentação da pesquisadora e da pesquisa.
- 2) Realizar a leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e coletar a assinatura de ambas as partes, deixar uma cópia com a professora e uma cópia fica para a pesquisadora.
- 3) Agradecimento: Gostaria de agradecer a sua participação na pesquisa sobre crianças nos espaços coletivos da escola. Esta pesquisa é resultado de um estudo para o trabalho de conclusão do curso de pedagogia na UFRGS.
- 4) Objetivo: O objetivo desta pesquisa é entender como acontece os momentos coletivos das crianças no espaço escolar e se há relevância ou não, na visão da professora, nas possíveis interações e aprendizados das crianças, principalmente entre crianças de diferentes idades.

**PERGUNTAS:**

1. Gostaria de iniciar nossa conversa perguntando qual tua formação e quantos anos trabalha com educação infantil?
  
2. Qual a tua opinião sobre como vê as interações entre as crianças de diferentes idades nos momentos coletivos? Por exemplo, quando estão reunidas no pátio.
  
3. Como se dá os relacionamentos entre elas? Convivem facilmente ou há muitos atritos?
  
4. Quando há atritos entre as crianças, como são resolvidos? Há intervenção da professora ou as crianças conseguem resolver? São incentivadas a resolver os atritos sozinhas?
  
5. Acreditas que há aprendizagens nos momentos de interação enquanto compartilham estes espaços coletivos, seja no pátio ou dentro da escola? Poderias citar um exemplo?
  
6. Em algumas escolas de educação infantil as crianças menores sempre são separadas das crianças maiores por medo de que se machuquem, quando brincam no pátio, por exemplo. O que pensas sobre isso?

Agradecer a disponibilidade da professora em participar da entrevista e encerrar.